



Análise de Discurso: Como o Aquecimento Global Foi Noticiado no Jornal O Liberal nas primeiras quinzenas de abril e maio.¹

Adriana Fradique Gonçalves²
Bruno Rhuan da Conceição Oliveira³
Universidade Federal do Pará

Resumo:

A Semiologia, hoje dividida em três fases, tem como grande expoente em seu primeiro período o lingüista Saussure, que estudava a língua em detrimento da fala. Com a contribuição de diversos autores, a semiologia passa a incorporar o contexto em suas análises, bem como a noção de textos recheados de outras vozes além da própria do autor. Esta pesquisa trata de alguns aspectos constitutivos do texto, tais como: o gancho e a origem das notícias, os cadernos a que elas pertencem, as vozes explícitas e as caladas e a presença da Amazônia. As matérias foram retiradas das primeiras quinzenas de abril e maio de 2007 de O Liberal, jornal criado em 1946, atualmente diário de maior circulação do norte e do nordeste, segundo o próprio veículo. O assunto-chave usado para a seleção das matérias é o “aquecimento global”, fenômeno conhecido há mais de duas décadas como “efeito estufa”.

Palavras-chave: análise de discurso; aquecimento global; Amazônia.

Considerações Iniciais:

A partir de 1940, os conhecimentos sociológicos referentes ao campo midiático vão se organizar em duas principais correntes. A primeira crítica é articulada em torno de reflexões sobre a “cultura de massa”. Tem um caráter filosófico e especulativo e desenvolve-se principalmente na Europa. A segunda corrente é empírica/funcionalista e baseia-se na pesquisa positivista na análise de enquetes para desmistificar a caracterização da mídia como onipotente e responsável pelas mazelas socioeconômicas (BRETON e PROULX, 2002).

A partir da década de 50, do século XX, a pesquisa dos meios de comunicação se volta para a linguagem, caracterizando assim, o paradigma clássico dos estudos da linguagem e a estruturação da semiologia.

A primeira fase é influenciada pelas contribuições de Saussure. Para o autor,

A matéria da Lingüística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, sob orientação da professora Prof^a. Dra. Luciana Miranda Costa.

² Graduanda no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFPa. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Preserv-Ação (UFPa/CNPq), coordenado pela Profa. Dra. Luciana Miranda Costa. Endereço eletrônico: adrianafradique@gmail.com.

³ Graduando no curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela UFPa. Endereço eletrônico: bruno.rhuan@gmail.com.



correta e a ‘bela linguagem’, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2004, p.13).

Saussure se preocupou também em definir as tarefas da lingüística, a saber: fazer a descrição e a história de todas as línguas, incluindo a história das famílias das línguas; deduzir as leis gerais de uma língua e definir-se a si própria (SAUSSURE, 2004). O objeto da Lingüística é a língua.

A língua é o produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. É importante salientar que o fenômeno lingüístico apresenta “perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2004, p. 15): ora impressão acústica, ora impressão mental. Ora lado individual, ora social. Ora sistema estabelecido, ora constante evolução. Como a língua não está completa em nenhuma pessoa e só é completa na massa, Saussure privilegia a “langue” (língua) em detrimento da “parole” (fala).

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE, 2004, p. 17).

Para Saussure, signo é aquilo que ocupa o lugar do objeto para representá-lo. O signo lingüístico une um conceito a uma imagem acústica. É uma entidade de duas faces. “Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2004, p. 80). Como princípios, tem: a arbitrariedade do signo⁴ e o caráter linear do significante⁵.

Posteriormente, estudiosos trazem o sujeito e a subjetividade do discurso para a discussão e como expoente dessa fase tem-se Émile Benveniste. Ele acredita que a inserção do ser humano ao estudo da linguagem é inerente, pois:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas

⁴ Segundo Saussure, “a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma à seqüência de sons m-a-r que lhe serve de significante, poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência não importa qual, como prova, temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes” (SAUSSURE, 2004, p. 81-82).

⁵ Em relação ao caráter linear, “os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo, seus elementos se apresentam um após o outro, formam uma cadeia” (SAUSSURE, 2004, p.84).



ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem ser para *viver* (BENVENISTE, 1989, p. 222, grifo do autor).

Benveniste também distingue o enunciado, como aquilo que é da ordem do dito e a enunciação, como as diferentes maneiras de como alguma coisa pode ser dita. (BENVENISTE, 1989).

A terceira fase da semiologia dos discursos sociais incorpora o lado humano e histórico às suas análises. Souza, baseada em idéias de Bakhtin, afirma: “a separação da linguagem de seu conteúdo ideológico ou vivencial constitui um dos erros mais grosseiros da lingüística formalista” (SOUZA, 1995, p. 98).

O estruturalismo é abandonado, os autores do início do século, como Bakhtin, são redescobertos e os conceitos formulados nas primeiras décadas do século XX entram em voga na década de 70. A passagem a seguir ilustra bem essa volta do sujeito à luz das análises:

A enunciação individual (a “parole”), contrariamente à teoria do objetivismo abstrato, não é de maneira alguma um fato individual que, pela sua individualidade, não se presta à análise sociológica. Com efeito, se assim fosse, nem a soma desses atos individuais, nem as características abstratas comuns a todos esses atos individuais (as “formas normativamente idênticas”) poderiam gerar um produto social (BAKHTIN, 2004, p. 121-122).

Entre esses conceitos, têm-se os de polifonia e de dialogismo. O conceito de polifonia, também conhecido como intertextualidade, coloca em xeque as autorias dos textos, pois nenhum produtor de discurso tem total autoria. É a “morte do autor”, pois, os discursos estão sempre recheados de outras vozes,

A questão da autoria é, por assim dizer, um tema essencial na sua concepção dialógica da linguagem. Para Bakhtin, a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo, diz ele, que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala ressoam na palavra do autor (SOUZA, 1995, p. 100).

Já o dialogismo é como se essas vozes “conversassem” entre si. “Para Bakhtin, as relações dialógicas (...) não podem ser reduzidas às relações que se estabelecem entre as réplicas de um diálogo real” e ainda: “dois enunciados distantes um do outro no tempo e no espaço, quando confrontados em relação ao seu sentido, podem revelar uma relação dialógica” (SOUZA, 1995, p. 100).

Daí em diante, a semiologia leva em conta o histórico. Larga a análise de conteúdo que se volta apenas para o texto interno e passa a analisar o discurso, ou seja, as condições de produção do texto, o que significa uma análise de contexto. O signo, agora, é ideológico e carregado de intencionalidade.

Para Bahktin, a linguagem é um fenômeno sócio-ideológico e toda enunciação é um diálogo que faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Não há enunciado isolado. Souza resume: “o discurso verbal é diretamente ligado à vida em si e não pode ser divorciado dela sem perder sua significação” (SOUZA, 1995, p. 104).

Logo, como a ênfase foi revertida, a parole é estudada e para tanto, deve-se examinar todas as condições do discurso, inclusive a entonação, pois é ela quem estabelece uma relação entre a palavra e o contexto extraverbal. A entonação encontra-se na fronteira do verbal e não-verbal, do dito e do não-dito. Para Bakhtin, o discurso é um conjunto, no qual as palavras que são propriamente ditas têm o mesmo papel de uma série de outros elementos dentro do discurso (SOUZA, 1995).

O texto não é mais considerado um signo e sim um conjunto de citações que geram novo sentido. As citações não são necessariamente textuais e trazem marcas da história, de referências de vida, de ideologia e do inconsciente do “autor”.

Em relação ao lugar social do emissor, a prática jornalística tem em seu cerne a organização do discurso da sociedade. Tanto que se pode considerar como uma de suas funções a “confirmação”. Segundo Gomes, “(...) o jornalismo se coloca como confirmação do pacto primeiro fundado na comunidade estabelecida pelo compartilhamento de uma língua” (GOMES, 2000, p. 20).

Além do compartilhamento da língua, a concentração de certos temas, como o Estado e seus feitos, dá ao jornalismo a possibilidade da confirmação da aliança social existentes entre os cidadãos e esse Estado. O jornalismo guarda também a função da vigilância, de desenho do espaço social e de hierarquização.

A análise do discurso de um texto jornalístico se calca principalmente na linguagem utilizada, nos títulos, nos subtítulos, na página e na localização dessa matéria, no uso de “aspas” ou entrevistas, nas fotografias, nas citações, nos gráficos, nas tabelas e nos infográficos, ou seja, “do recurso aos sinais de marcação da remetência ao real” (GOMES, 2000, p. 24).

Deve-se estudar os elementos que compõe a verossimilhança ou a plausibilidade da notícia, o chamado “efeito de real”. Esses elementos podem ser os índices, que são os significantes que delineiam o caráter, a identidade, a atmosfera e o estado de espírito de



uma personagem, podem ser também os informantes, ou seja, aqueles que situam no espaço e no tempo. Consideram-se as catálises como elementos que operam a compreensão temporal presente na narrativa (GOMES, 2000, p. 27).

Estudam-se também as estratégias empregadas que ajudam a construir um testemunho “mais real da realidade” e como exemplos dessa estratégia, podem-se considerar os dados estatísticos, as metáforas, as metonímias, o discurso imagético e o não-verbal.

Jornal O Liberal:

O Sistema Romulo Maiorana de Comunicação, atualmente Organizações Romulo Maiorana, congrega emissora de televisão (TV Liberal e repetidoras no interior do estado), rádios AM e FM, portal na Internet, os jornais O Liberal e Amazônia Hoje e uma fundação cultural chamada Romulo Maiorana, configurando-se assim, como o maior conglomerado de informação do estado do Pará.

Segundo O Liberal, em matéria publicada em 13 de novembro de 2005, o jornal “nasceu da decisão do general e senador Magalhães Barata de neutralizar o bombardeio implacável e permanente do jornal ‘Folha do Norte’, de Paulo Maranhão, contra os seus atos políticos” (O LIBERAL, 2005, p. 14). Além disso, Barata não tinha o apoio da Província do Pará, pois essa mantinha uma postura de neutralidade. No meio dos dois, nasceu O Liberal.

Para dar respostas ao oposicionismo de Maranhão, um grupo de amigos de Barata, liderado por Moura Carvalho, fundou O Liberal, um “vespertino político-partidário, porta-voz do Partido Social Democrático” (O LIBERAL, 2005, p. 14).

Inicialmente, o jornal não passava de um panfleto distribuído desordenadamente, na quantidade de 600 exemplares. Tanto o conteúdo como a apresentação gráfica podiam ser considerados fracos, “era polêmico, agressivo, noticioso e muito barato, justamente no final da época de ouro do jornalismo impresso” (O LIBERAL, 2005, p.14).

Em 1959, o único dono do jornal era Barata por meio de doações de seus amigos. Com a morte do ex-senador, o jornal passou as mãos de Moura Carvalho, que o vendeu a Ocyr Proença, ligado a Jarbas Passarinho e Alacid Nunes. Ocyr não obteve êxito na administração do jornal, vendendo-o a Romulo Maiorana⁶ em 1966.

⁶ Romulo Maiorana, recifense, chegou a Belém em 1953, aos 31 anos, depois de servir na Segunda Guerra Mundial. Tentou alguns negócios sem sucesso, até abrir uma rede de sete lojas de roupas e calçados. Mesmo dono das Lojas RM nunca deixou sua verdadeira paixão, escrever sua coluna para o jornal O Liberal. Com Barata no poder, Romulo cresceu no comércio “não só através da multiplicação das Lojas RM, como pelo contrabando que se desenvolvia na



Com Romulo Maiorana, O Liberal passou a investir mais em tecnologia, fazendo com que muitas notícias publicadas pelo veículo sobre ele próprio durante toda sua história, gravitassem acerca das melhorias das máquinas e equipamentos do jornal. Nessa época, o jornal começa a superar seus concorrentes: a “Folha” de Paulo Maranhão já para falir e a claudicante Província do Pará.

Em 1969, o número de linotipos chegava a doze e a impressora *Goss* foi trocada por uma *Walter Scott*, capaz de imprimir em azul o título do jornal e algumas manchetes. Ainda na sede da Travessa Santo Antônio, no centro de Belém, começou uma reestruturação física com a montagem de uma equipada central de recepção, que incluía radiofoto, teletipo e rádio. Ainda nesse ano, O Liberal passou a utilizar uma tecnologia da IBM de composição a frio, que o permitia imprimir quatro cores, tornando-se assim, à época, o impresso tecnologicamente mais avançado do estado.

No final de 1972, chegava a Belém a tecnologia *off-set*, dando mais perfeição e requinte às imagens do jornal. Segundo notícia publicada “Nas bancas de revistas, nas casas dos assinantes e nas ruas, todos paravam para olhar e admirar” (O LIBERAL, 2005, p. 13) de tanta beleza que a nova impressão oferecia.

O ano de 1993 foi quando O Liberal passou a ser impresso em policromia, estreando também novo projeto gráfico. Em 2006, às vésperas da data de comemoração sexagenária, O Liberal entrou em funcionamento a nova impressora, a *Uniset “Full Color”*, a primeira rotativa com forno secador da América do Sul, possibilitando a impressão de revistas e encartes.

Em relação às matérias veiculadas sobre assuntos que não ocorreram em Belém, o jornal O Liberal tem a política, salvo raras exceções, de comprar o material de agências, a saber: Opinião, que cobre a área de Marabá, Amazônia, atuante na região de Santarém e Agência Estado para notícias de cunho nacional. Para fatos internacionais, o jornal é cliente da France Presse e Reuters. Além disso, trabalha com regime de colaboradores *free-lancers* e uma sucursal em Brasília.

Aquecimento Global:

O tão alardeado aquecimento global, já é conhecido há mais de duas décadas como efeito estufa⁷. É um fenômeno que ocorreria na Terra naturalmente, mesmo se não

cidade” (PINTO, disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=18968>>). Com o golpe militar, fechou a cadeia de lojas e comprou O Liberal em 1966.

⁷ A denominação “efeito estufa” deriva da semelhança que o processo natural guarda com as estufas de criação de plantas, na qual a cobertura é transparente à luz solar, mas torna-se opaca no que diz respeito à dissipação do calor ali formado. A elevação da concentração de gás carbônico e outros gases-estufa na atmosfera terrestre reduz a taxa de perda de calor para o espaço, aumentando assim, a temperatura terrestre.



houvesse a presença humana. Desde a formação da atmosfera, esse efeito é o responsável por manter o calor que permite a vida do planeta. Sem a atmosfera regulando a temperatura terrestre, as variações climáticas seriam tão drásticas que inviabilizariam o desenvolvimento de seres vivos.

Na verdade, o problema se deu quando o homem começou a produzir excedentes de gases que contribuem para o efeito estufa, de tal maneira que o fenômeno foi ampliado e intensificado, aumentando gradativamente a temperatura da Terra, dando origem à expressão “aquecimento global”.

Desde a Revolução Industrial, com o aumento considerável do uso de máquinas a vapor e queima de combustíveis fósseis e conseqüentemente o aumento das emissões de gás carbônico e óxidos de nitrogênio, o planeta se vê em um processo de intensificação de um efeito que antes natural e necessário, passou a ser inconveniente e preocupante.

O desenvolvimento industrial acelerado, aliado a uma explosão demográfica e a degradação de áreas ambientais são atividades antrópicas em nível local que ao entrar numa espiral de agressões contra os ecossistemas terrestres, multiplicam seus efeitos, podendo ser observados em escala global.

Já em 1988, era sabido que de alguma maneira, esse excesso de gases de efeito estufa poderiam trazer algum tipo de problema para a atmosfera, como “modificações climáticas” de intensidade de difícil previsão e alterações “nos níveis das marés, na agricultura e na silvicultura” (CIÊNCIA HOJE, 1988, n.º 28, p.52).

Na década de 80, ainda não havia mecanismos tecnológicos suficientes para prever o que poderia acontecer regionalmente com a intensificação do efeito estufa, apenas que, sob as atuais circunstâncias, o aquecimento global era inevitável e que uma duplicação da concentração de gás carbônico na atmosfera já era capaz de resultar em uma variação positiva de temperatura entre 1,5 e 5,5° centígrados. Em 2006, a revista Época creditou um aumento de 0,3°C nessa estimativa (CIÊNCIA HOJE, 1988, n.º 28; ÉPOCA, 2006, n.º 439).

Apesar de parecerem variações pequenas, elas seriam (são) capazes de afetar ciclos hidrológicos por todo o mundo, pois as temperaturas elevadas aumentariam a quantidade de vapor d’água na atmosfera, alterando padrões de precipitação pluviométricos. Além disso, já se sabia que com temperaturas mais altas, haveria o degelo das geleiras permanentes e das camadas polares e essa água seguiria para os mares, causando o aumento de nível destes.



Hodiernamente, algumas certezas já podem ser consideradas no que diz respeito ao “aquecimento global”: a concentração de gases que intensificam o efeito estufa na atmosfera, como o gás carbônico e o gás metano, não parou de crescer desde que as medições começaram a ser feitas; aproximadamente 75% do gás carbônico em excesso na atmosfera vem da queima de carvão e derivados do petróleo; a temperatura do planeta é a mais alta dos últimos cem anos; a maioria das geleiras das montanhas está derretendo; nos últimos cinco anos, o ritmo de derretimento da Antártida aumentou dez vezes, assim como o gelo do Ártico; o nível do mar aumentou entre 10 e 20 centímetros no último século, além disso, o mar está ficando mais quente, aumentando assim a força e a frequência dos furacões (ÉPOCA, 2006, n.º. 439).

Considerado por muitos especialistas a maior tragédia ambiental em curso do planeta, o efeito estufa poderia justificar uma cobertura mais densa nos veículos de comunicação em função dos múltiplos estragos previstos pelos cientistas ao redor do mundo. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças do Clima estabelece no artigo 4º, parágrafo 1º, o compromisso dos países em desenvolvimento, entre os quais o Brasil, de ‘promover e cooperar na educação, treinamento e conscientização pública em relação à mudança de clima, e estimular a mais ampla participação nesse processo’. É óbvio que a realização desse compromisso depende basicamente do apoio da mídia (TRIGUEIRO, 2005, p. 79).

A intensificação do efeito estufa e o conseqüente aquecimento global não são processos que respondem ao critério de imediatismo jornalístico. As modificações se fazem em séculos. Mesmo que em um planeta de milhões de anos, um século não signifique muito, para o jornal que sai no dia seguinte ou para a edição de logo mais do telejornal, um século é uma “eternidade”, configurando o assunto em notícia fria ou de pouca atualidade.

Análise:

Essa pesquisa é feita em dois conjuntos de textos retirados de O Liberal. Entre os dias 1º e 15 de abril, foram recolhidas 8 (oito) matérias e entre os dias 1º e 15 de maio, 7 (sete) matérias foram coletadas. Apesar de serem períodos relativamente próximos, é possível verificar características bastante díspares entre esses dois blocos de notícias.

Não houve publicação de notícias em todos os dias dos períodos selecionados para a pesquisa, no entanto, todos os jornais dos dois momentos foram separados e incluídos para que se pudessem ter períodos comparativos de mesma duração.



A metodologia, de maneira simplificada, consistia em utilizar a palavra *aquecimento* no mecanismo de busca na página de O Liberal na internet⁸. Matérias relacionadas ao aquecimento da economia ou ao aquecimento dos jogadores antes do jogo, por exemplo, foram descartadas. Assim como crônicas e artigos sobre o assunto. Após essa primeira seleção e descarte daquelas que não interessavam ao estudo, as matérias foram impressas.

Para esta pesquisa, os seguintes elementos serão o foco de análise: o gancho das matérias bem como sua origem, as vozes que são colocadas explicitamente, assim como as vozes que são caladas, o caderno as quais essas matérias pertencem e a presença da Amazônia nessas notícias. Ainda que esses aspectos tenham sido privilegiados nessa pesquisa, registra-se aqui, que a análise de fotos, elementos gráficos, olhos, localização na página, tamanho, entre outros aspectos, são importantes para pesquisas dessa natureza, sendo excluídos apenas por causa da restrição de espaço.

No momento em que matérias de abril foram veiculadas, os representantes do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) da Organização das Nações Unidas (ONU) se encontravam na cidade de Bruxelas para apresentar a segunda parte do relatório sobre aquecimento global. Foi um evento de grande porte que congregou pesquisadores de diversas partes do mundo, inclusive brasileiros.

A maioria das matérias (62,5%) tem como gancho a divulgação do relatório do IPCC no encontro da ONU e fica no caderno Atualidades. A matéria, do dia dois de abril, que abre esse ciclo de estudo é intitulada “Aquecimento global pode inundar 8% das cidades, afirma cientista”. O subtítulo complementa: “Enfim – Especialistas já formulam alguns conceitos sobre o que fazer agora”. A palavra “conceito”, na verdade, diz respeito ao consenso de possíveis soluções as quais os cientistas chegaram para amenizar o problema, por exemplo, reduzir a emissão de carbono e o aumentar a eficácia energética.

O título diz respeito às conseqüências mais drásticas que o aumento da temperatura poderia trazer como o derretimento do gelo da Groenlândia. A informação estatística usada no título é desdobrada: “(...) levaria à inundação de 1 em cada 12 cidades no planeta (8% delas)” (O LIBERAL, 2007a, p.12, grifos nossos). Essa é a única conseqüência apresentada no texto. O desenvolvimento do assunto trazido pelo título da matéria fica restrito ao *lead*.

⁸ O jornal O Liberal pode ser acessado em <http://www.orm.com.br/oliberal>.

No dia seguinte, a matéria é “Aquecimento trará pobreza e fome”. O subtítulo: “ONU – Relatório traça uma paisagem negativa do planeta para as próximas décadas”. Nessa matéria, seguem algumas outras consequências do aquecimento: “pobreza crescente, falta de água potável, derretimento de geleiras e o desaparecimento de uma série de espécies até meados deste século”. O gancho é o encontro do IPCC, dessa vez, já é possível demonstrar a magnitude do encontro por meios dos dados numéricos: “participaram da conferência 285 representantes de 124 países, além de mais de 50 dos cientistas que escreveram o relatório e dúzias de observadores de organizações não-governamentais” (O LIBERAL, 2007b, p.10, grifos nossos).

A matéria do dia 5 de abril tem título e subtítulo bastante alarmistas: “Aquecimento global favorece dengue” e ainda: “Alerta – ONU conclui que mudança climática permitirá expansão de transmissores”.

O *lead* segue como fonte de preocupação para os leitores paraenses, não os situando geograficamente onde essas mudanças serão sentidas. O “alívio” só virá no terceiro parágrafo na entrevista de Confalonieri, “Para o Brasil e a América do Sul, essa projeção é pouco realista”, pois: “A *temperatura no Brasil já é propícia* para a malária (...), então, *não* seria um aumento da temperatura que levaria à expansão da malária” (O LIBERAL, 2007c, p.11, grifos nossos). Nota-se também, que apesar de no título aparecer “dengue”, a matéria fala apenas de “malária”.

No dia sete de abril, mais uma vez, o expediente é o alarmismo. Lê-se: “Falta d’água atingirá 1 bilhão e Amazônia vai virar sertão”. Logo abaixo, “Relatório – Previsão da ONU é de que o aquecimento global também aumentará doenças”, esse subtítulo ratifica a matéria anterior, sem mais uma vez indicar em que lugar haverá essa mudança. No entanto, nessa matéria, a localização geográfica é apenas subentendida: “com o aquecimento, diversas *regiões atualmente com temperaturas amenas* poderão vir a se tornar *habitat* de insetos disseminadores de doenças tipicamente tropicais, como a malária e dengue” (O LIBERAL, 2007d, p.11, grifos nossos). O primeiro tema do título (falta d’água) será explorado na retranca “seca”, que diz:

Com maiores temperaturas, as seculares camadas de gelo que existem nos picos de diversas cadeias montanhosas desapareceriam. *Por serem reservas naturais de água, seu fim agravaria ainda mais as possíveis grandes secas* – que poderiam deixar mais de 1 bilhão de pessoas sem água potável (O LIBERAL, 2007d, p.11, grifos nossos).

Na matéria do dia nove de abril intitulada “Amazônia regula chuvas no Pacífico” e de subtítulo “América do Sul – Especialista diz que o clima do continente depende da

floresta”, é a primeira vez que a Amazônia se configura como o foco central de uma notícia. Ainda assim, o gancho da matéria foi a revelação pelos pesquisadores do IPCC da ONU de que a Amazônia poderá, um dia, se tornar uma savana graças aos efeitos do aquecimento global. Essa pode ser considerada também como a matéria com mais elementos técnicos e conhecimentos específicos de toda a série analisada.

A penúltima matéria dessa série “Ministra lança S.O.S pela Amazônia”, de subtítulo “Aquecimento – Marina Silva diz que, se medidas demorarem, não haverá mais jeito”, tem um outro gancho: “Marina Silva esteve ontem no Rio para dar a *aula inaugural* do ano letivo da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz” (O LIBERAL, 2007g, p.11, grifos nossos).

No mesmo dia, 12 de abril, a matéria relacionada ao IPCC foi “Mudança climática aumentará pressão sobre grandes cidades”. Essa matéria foi a única que não usou o expediente do subtítulo. Tampouco comentou a relação da Amazônia com o tema.

Um dos elementos constituintes de um texto jornalístico é a sempre possibilidade de trazer autoridades em determinado assunto a falar sobre o tema e assim, recheiar de vozes competentes o discurso jornal. Com o objetivo de trazer legitimação ao que se fala, há a demonstração de que somente quem entende do assunto emite uma opinião. Quem fala explicitamente sobre mudanças climáticas globais nas matérias analisadas são estrangeiros. A relação média é de que a cada brasileiro o qual o direito de falar é concedido, dois estrangeiros também recebem o mesmo direito. Somente quando se trata especificamente de Amazônia é que a relação se inverte: a cada estrangeiro que é concedido o direito de falar, dois brasileiros também falam.

Não é possível afirmar se O Liberal acredita que seu discurso só será reconhecido como correto, caso haja abundância de vozes internacionais, pois a maioria absoluta de suas matérias é comprada de agências de notícias. A maior possibilidade é de que as matérias sejam veiculadas, por conterem, ainda que de maneira mínima, alguma referência à Amazônia.

Em relação a conceitos e expressões usadas nos textos, apenas eficiência energética e desenvolvimento ético recebem uma pequena explicação. Outros são citados, porém sem nenhum tipo de referência mais aprofundada, a citar: aquecimento global, microenergia, tecnologia limpa, meio ambiente, ecossistemas, efeito estufa, *habitat*, savanização e ventos alísios.



No mês de maio, o gancho para a maioria das matérias (cinco em um total de sete notícias) foi uma audiência pública realizada pela Assembleia Legislativa do Pará (Alepa). Percebe-se assim, uma mudança de foco: a partir de agora, as matérias saem no caderno de política, o Poder, e falam de conseqüências e arranjos que o tema “aquecimento global” tem nas agendas dos políticos. Quem fala não é mais os pesquisadores e sim, os políticos brasileiros. Além dessas diferenças, pode-se observar o fato de que nesse segundo bloco de notícias, a maioria é feita na própria cidade, por jornalistas da redação.

A matéria que abre o ciclo de maio é intitulada “Audiência pública discute segunda-feira aquecimento global no Pará”. Seguido do subtítulo: “Assembleia – Comissão Especial do Congresso se reúne em Belém nesta segunda-feira”. Nessa matéria, é creditada a organização do evento ao deputado estadual Cássio Andrade (PSB), mas não lhe é dada voz. Na verdade, o único que fala é o deputado Eduardo Gomes (PSDB), partido historicamente mais próximo das Organizações Romulo Maiorana.

Três dias depois, a matéria “AL avalia mudança climática”, com o subtítulo, “Meio Ambiente – Audiência pública terá a participação de comissão mista do Congresso”. Essa matéria responde a quem se perguntou o porquê dessa reunião em Belém: a matéria escreve: “cidades (Belém, Manaus, Cuiabá) escolhidas por integrarem o *arco responsável por 80% do desmatamento registrado na Amazônia Legal*” (O LIBERAL, 2007j, s/ página, grifos nossos).

A notícia acima e mais outras duas: “Congresso discute impactos do clima” e “Aquecimento ameaça a Amazônia” não passam de agendas do evento. As três, basicamente, informam que as causas e as conseqüências do aquecimento global serão debatidas (com o adjunto adverbial de tempo variando conforme a data de publicação, amanhã, hoje ou ontem), que serão realizadas duas mesas-redondas e que os deputados visitantes farão ou fizeram visita ao Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG).

A última matéria com o gancho na audiência pública foi publicada no dia oito de maio e se dedicou especialmente à visita dos políticos ao MPEG. A matéria “Aquecimento Global preocupa comissão parlamentar” de subtítulo “Efeito Estufa – Deputados federais se encontram com cientistas do MPEG para debater o tema”, foi a única deste bloco a dar voz a um pesquisador, porém, logo seguida do deputado Eduardo Gomes (PSDB).

As duas últimas matérias de maio analisadas nessa pesquisa gravitaram em torno do etanol. A primeira fala das condições de o Pará participar da “onda” do biodiesel. O aquecimento global aparece logo na primeira oração “os combustíveis fósseis, derivados de petróleo, devem ser cada vez menos utilizados pela humanidade, não só pela sua escassez crescente, como pela *pressão causada pelo aquecimento global (...)*” e “o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, em inglês) da ONU, concluído na sexta-feira, 4, recomenda a substituição de combustíveis fósseis por biocombustíveis”(O LIBERAL, 2007m, 2005, s/ página, grifos nossos) , dando gancho para a matéria assinada por Orlando Cardoso, a primeira assinada nessa pesquisa, falar sobre o novo ciclo de combustível feito de cana de açúcar.

A segunda matéria envolvendo etanol e aquecimento foi em decorrência da visita do Papa Bento XVI, que em sua conversa de aproximadamente 30 minutos com presidente Luís Inácio Lula da Silva, tratou de diversos temas, entre eles a produção de biocombustíveis na África. Para o presidente, a Igreja deveria ajudar “o continente africano a encampar a idéia de produção de energia limpa, via etanol, *não apenas* com o objetivo de apoiar ações contra o aquecimento global”, mas sim como “um passo importante para reduzir a miséria e o desemprego na região” (O LIBERAL, 2007p, s/ página, grifos nossos). É a primeira vez que o aquecimento global aparece em segundo plano para a argumentação de necessidades de modificações sociais, culturais e políticas de um povo. Em tempo: a matéria publicada no caderno Poder, em onze de maio, chamada “Papa aceita divulgar etanol na África”, é oriunda da cidade de São Paulo, comprada da Agência Estado.

Considerações finais:

O acompanhamento das notícias durante o período proposto permitiu identificar algumas características do discurso praticado pelo O Liberal, no que concerne o tema aquecimento global.

As quinze matérias foram recolhidas em abril e maio de 2007 e o período do qual a matéria foi recolhida é determinante para se reconhecer as idiossincrasias dos dois conjuntos de notícias.

O encontro do IPCC em Bruxelas serviu como gancho para a maioria das matérias recolhidas em abril. As matérias em sua totalidade compradas de agências, especialmente Agência Estado, falam não só das reuniões, como também das conseqüências do aquecimento, por exemplo, a proliferação de doenças e a escassez de água potável.

A análise tem como objetivo fazer uma leitura que o jornal faz desse tema, contudo, de um modo geral, O Liberal delega a função de cobrir esses grandes eventos externos integralmente às Agências de Notícias. Essa falta de envolvimento na confecção das matérias faz o escopo da análise nesse primeiro momento se voltar para a escolha. Porque, então, justamente essas notícias da agência foram publicadas? De um modo geral, as matérias que detalham o fenômeno tocam em algum ponto na questão amazônica, ainda que tenha sido um ‘olho’ sem conexão direta com o texto. O Liberal peca ao copiar as matérias da agência diretamente sem atender às especificidades do público-leitor paraense. O critério de escolha deve ser ‘possui a palavra Amazônia?’.

Por outro lado, durante grandes eventos (serve como *gancho quente*) o assunto ganha importância, prova disso é a aparição das notícias em páginas ímpares. Assim como, não é difícil enxergar como há uma relação direta entre quando os encontros são internacionais, há a falta de fontes brasileiras nos textos. Apenas quando a Amazônia é o tema, os brasileiros são maioria. O uso de números e estatísticas não é raro, sempre com o objetivo de dar mais credibilidade à matéria.

Em menos de um mês, o jornal muda o seu foco. As matérias passam a se configurar em uma linha mais política, quando o gancho é a audiência pública na Alepa. As matérias passam a ser sobre políticos e a agenda da instituição no período, com mesas-redondas e visita ao MPEG. As matérias passam a ser feitas pelos jornalistas da casa, com a denominação “da Redação”.

Nota-se agora uma maior preocupação com os acontecimentos da cidade. No entanto, todas as edições do jornal O Liberal destacam pelo menos uma matéria sobre a Assembleia Legislativa, fazendo essa parte da pauta diária. Como o aquecimento global era o assunto do dia na instituição, por tabela, ele passou a ser assunto também do jornal.

Finalmente, destaca-se como diferença entre os dois períodos, a falta de preocupação de O Liberal de informar as causas do acontecimento, assim como cada pessoa e cada país podem contribuir para a diminuição dos efeitos do fenômeno.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Editora Hicitec, 2004.
- BENVENISTE, É. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- BRETON, P e PROULX, S. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GOMES, M. R. **Jornalismo e ciências da linguagem**. SP: Hacker Editores/ Edusp, 2000.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**: 3ª Edição, São Paulo: Cortez, 2004.
- MANSUR, A, VICARIA, L e MARTINS, E. Bem-vindo à Era do Caos. **Época**, São Paulo, nº 439, out. 06.



- O LIBERAL. **A largada para mais uma revolução.** Belém, 13.11.2005a, seção Atualidades, p. 13.
- _____. **O LIBERAL é símbolo de vanguarda.** Belém, 13.11. 2005b, seção Atualidades, p. 14.
- _____. **Aquecimento global pode inundar 8% das cidades, afirma cientista.** Belém, 02.04.2007a, seção Atualidades, p.12.
- _____. **Aquecimento trará pobreza e fome.** Belém, 03.04.2007b, seção Atualidades, p.10.
- _____. **Aquecimento favorece dengue.** Belém, 05.04.2007c, seção Atualidades, p. 11.
- _____. **Falta d'água atingirá 1 bilhão e a Amazônia vai virar sertão.** Belém, 07.04.2007d, seção Atualidades, p.11.
- _____. **Governos não querem que divulguemos a informação, diz Canziani.** Belém, 09.04.2007e, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Amazônia regula chuvas no Pacífico.** Belém, 09.04.2007f, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Ministra lança S.O.S pela Amazônia.** Belém, 12.04.2007g, seção Atualidades, p.9.
- _____. **Mudança climática aumentará pressão sobre grandes cidades.** Belém, 12.04.2007h, seção Atualidades, p. 9.
- _____. **Audiência pública discute segunda-feira aquecimento global no Pará.** Belém, 02.05.2007i, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **AL avalia mudança climática.** Belém, 05.05.2007j, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **Congresso discute impactos do clima.** Belém, 06.05.2007l, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **Etanol põe Pará em dois extremos.** Belém, 06.05.2007m, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **Aquecimento ameaça a Amazônia.** Belém, 07.05.2007n, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **Aquecimento global preocupa comissão parlamentar.** Belém, 08.05.2007o, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- _____. **Papa aceita divulgar etanol na África.** Belém, 11.05.2007p, seção Poder, disponível em www.orm.com.br/oliberal, acessado em 16 de maio de 2007.
- PINTO, L. **O rei da quitanda.** Disponível em <<http://www.consciencia.net/2005/1222-lfp3.html>>, acessado em 06.04.2007.
- _____. **Um império ao Norte:** o de Romulo Maiorana. Disponível em <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=18968>>, acessado em 06.04.2007.
- RABELLO, A. Efeito Estufa: Uma Ameaça no Ar. **Ciência Hoje**, São Paulo, v.5, n.29, p. 50-56, março de 1987.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral.** São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- SOUZA, S J. **Bahktin, Vygotsky e Benjamin.** 3ª Edição, São Paulo: Papirus Editora,1997.